AMOR ROMÂNTICO, UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA

ROQUE DE BARROS LARAIA
Universidade de Brasília

LOBATO, Josefina Pimenta. 1997. *Amor, Desejo e Escolha*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos (Coleção Gênero). 193 pp.

Durante algum tempo, o amor romântico chegou a ser considerado uma invenção do mundo ocidental e, muito mais do que isso, uma invenção recente, utilizando-se o argumento de que, até o início deste século, mesmo nas sociedades ocidentais, eram os pais que escolhiam os noivos para os filhos. O fato constatado pelos etnólogos de que em muitas sociedades, principalmente, nas chamadas "primitivas", a escolha matrimonial é uma decisão da família e não dos futuros cônjuges foi um fator determinante para o surgimento dessa crença. Josefina Pimenta Lobato, em *Amor, Desejo e Escolha*, demonstra que os antropólogos modernos estão certos quando admitem que o amor romântico é muito mais antigo do que se supunha e não é uma invenção apenas do mundo ocidental, além do fato de que a sua ocorrência não pode ser limitada apenas aos domínios das relações matrimoniais. A autora cita vários autores modernos que sustentam esta tese, dentre os quais destacamos Jankowiak e Fischer que basearam a sua argumentação na análise de 186 monografias. Esta posição moderna se contrapõe à dos antigos antropólogos que acreditavam inexistir nas sociedades primitivas esse sentimento que chamamos de amor. A autora cita também vários autores que sustentavam essa crença, entre os quais encontramos Lewis Henry Morgan afirmando, em 1877, que "os povos bárbaros não conhe-

ciam o amor. Não poderiam experimentar sentimentos que são fruto da civilização e da sutileza que a acompanha" (*apud* Lobato 1997: 33). A própria Margaret Mead afirmava, em 1928, que "o amor romântico, tal como ocorre em nossa civilização, inextrincavelmente ligado às idéias de monogamia, de exclusividade, de ciúmes e de uma fidelidade total, não ocorre em Samoa" (*apud* Lobato 1997: 34). Em 1955, Evans-Pritchard dizia que qualquer pessoa que conviva com povos primitivos "logo descobrirá que ainda que entre eles o amor sexual se manifeste com profusão, é raro existir um sentimento correspondente ao que nós entendemos por amor romântico" (*apud* Lobato 1997: 35).

Para fazer a sua demonstração, a autora recorreu aos conceitos de "amor disciplinado ou doméstico" que se opõe à selvageria do "amor-paixão". A idéia de amor disciplinado surge na explicação do "casamento arranjado" quando a autora argumenta que

> [A] adoção de *casamentos* pré-escolhidos não implica, necessariamente, a inexistência do sentimento de amor entre os cônjuges no período anterior ou posterior ao casamento. Assim como nós construímos nosso amor pelos filhos [...] bem antes do seu nascimento e os amamos do jeito que eles são ao nascerem, não importa se feios ou bonitos, gordos ou magros, louros ou morenos, sadios ou doentes, o amor ao marido pode ser dado de antemão, independentemente do personagem que irá ocupar esse *status* (: 126).

Em seu trabalho fica evidente que a existência do amor romântico decorre da necessidade de sublimar os impulsos biológicos, domesticá-los através da cultura, mas continuar mantendo os desígnios da natureza que objetivam a reprodução da espécie. Neste sentido, o amor seria um fenômeno da mesma natureza da proibição do incesto — uma ponte entre a natureza e a cultura —, daí a perspicácia da autora em utilizar os conceitos de domesticação e de disciplina.

Josefina Pimenta Lobato utilizou-se de vários trechos de outros autores para demonstrar a ocorrência do amor entre povos não ocidentais, dentre os quais destaco o trecho de Bronislaw Malinowski sobre os habitantes das ilhas Trobriand, no Pacífico, quando esse antropólogo procura fazer a distinção entre o termo trobriandês *kwakwadu* (estar juntos para fazer amor) e o inglês *lovemaking*, em que o primeiro se refere à "situação de estarem juntas duas pessoas apaixonadas uma pela outra". O trecho transcrito pela autora, na página 36, caracteriza muito bem essa situação: os enamorados "defrustam do aroma e da

cor das flores, vêem voar os pássaros e os insetos, e descem até o mar para banhar-se... Divertem-se apanhando conchas, arrancando flores e ervas aromáticas com as quais se enfeitam". Não falta a esse texto a poesia de nossos autores românticos.

Da leitura de seu livro, podemos concluir que ocorreu, e ainda ocorre em muitos casos, uma convivência entre o amor romântico e os casamentos determinados por outros tipos de interesses, entre eles, as própias alianças matrimoniais.

O seu livro originou-se de uma tese de doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Uma tese livresca, já que não resultou de nenhuma pesquisa de campo, na qual a sua análise se baseia muito mais na representação literária do amor, do casamento, do que nos próprios fatos. É interessante, contudo, registrar que a amostragem que escolheu nos mostra que os romancistas ocidentais privilegiam muito mais os amores proibidos que os consentidos, muito mais o amor-paixão do que o domesticado e, principalmente, o amor que se passa fora do casamento. Enquanto os autores indianos preferem os dramas dos amores conjugais, os desencontros dentro do espaço do casamento. Já os árabes, como se fossem mediadores entre esses dois mundos tão distantes, elegem como tema os desencontros amorosos de amantes livres, mas incapazes de tornar realidade os seus anseios. Desta leitura, pode-se imaginar o peso da influência moura sobre Cervantes, que nos encantou com as desventuras do cavaleiro de triste figura, sempre a sonhar com seu sonho impossível, a inatingível Dulcinéia.

O terceiro capítulo do livro contém a análise de três histórias de amor, baseadas em textos do século XII, muito anteriores aos escritos de Shakeaspeare, responsável pela divulgação da história de Romeu e Julieta, texto paradigmático para se referir à gênese do amor romântico. As narrativas do século XII foram produzidas um pouco depois do surgimento das lendas do rei Arthur nas quais o amor romântico se expressa, segundo os cânones do amor ocidental atual como vimos acima, na paixão de Lancelot pela rainha.

Os textos do século XII são: Tristão e Isolda, que Lobato classifica como o *amor-paixão*; Layla e Majnun, *o amor fora-do-mundo*; e Krishna e Rãdhã, o *amor-divino*. A autora, contudo, tem consciência de que estas histórias são de fato muito mais antigas do que o século XII, quando ocorreu a transposição

literária. Escolheu o século XII porque este "foi considerado como o século do nascimento, da glorificação, e da exaltação do amor no Ocidente, sobretudo no seu aspecto heterosexual e humanístico" (: 59). Cita Irving Singer que afirma que "o conceito ocidental de amor [...] se não foi inventado ou descoberto, foi pelo menos desenvolvido no século XII como nunca antes" (*apud* Lobato 1997: 98, nota 1).

Escolhendo o século XII, Josefina Pimenta Lobato perde a oportunidade de analisar textos muito mais antigos que comprovariam mais fortemente a sua tese. Quatro séculos antes de Cristo, por exemplo, Homero nos conta a história de Penélope, "a mais cordata das mulheres", e do seu persistente amor com Ulisses. Enquanto este faz um longo *tour* pelas praias do Mediterrâneo, seduzindo mulheres e deusas, Penélope chora a ausência do amado: "Saudades, só as sinto de Ulisses; só elas me comovem o coração". E o ardiloso Ulisses, em seu sorrateiro regresso, disfarçado de mendigo, consola a saudosa rainha: "não desfigures teu formoso rosto, nem consumas teu coração, derramando lágrimas por teu marido". Quem se der ao trabalho de procurar texto mais antigo que este encontrará, com certeza, a evidência de que o amor romântico é muito mais antigo que Heródoto, talvez tão antigo quanto o homem.

No desenvolvimento do livro, ocorreu um desequilíbrio entre as partes. Privilegia-se muito mais o caso indiano do que o árabe e o ocidental. Não é à toa que Madan é um dos autores mais citados.

Uma das partes interessantes do livro é aquela onde a autora analisa o romance *Pamela, or Virtue Rewarded*, de Samuel Richardson, publicado na Inglaterra em 1740, tendo tido uma grande repercussão. Trata-se de um romance epistolar, no qual a heroína é Pamela, uma jovem serviçal que ganhou a simpatia de sua patroa, Lady, que muito a estimulou no aprendizado da escrita e da arte de bordar. Com a morte da patroa, Pamela torna-se vítima dos constantes assédios sexuais de Mr. Brown, o filho mais velho de Lady. A resistência de Pamela em aceder aos desejos de seu senhor culmina com o casamento entre os dois, a partir do qual "viveram felizes para sempre". Esse livro faz parte de um conjunto de obras que enfatizam o amor entre pessoas de classes diferentes, quase sempre o homem de classe superior com a mulher de classe inferior, tendência literária que persiste até os nossos dias como, por exemplo, em *My Fair Lady*. Faltou, contudo, à autora formular duas questões: por que sempre,

do ponto de vista do homem, a relação hipogâmica que não elimina, mas reforça as barreiras de classe? É realmente fácil, como sugere a autora, ultrapassar as barreiras de classe no mundo britânico? É necessário lembrar que a literatura muitas vezes age como um espelho que inverte a realidade.

Não resta dúvida que o livro proporciona uma leitura agradável, além de ser bastante provocador, mas termina abruptamente como a anunciar uma continuação. Uma conclusão seria benvinda, mesmo que fosse em ritmo de Elis Regina: " se não tivesse o amor, melhor era tudo se acabar".